



## UM OLHAR ARGUMENTATIVO SOBRE O FENÔMENO DA MODALIZAÇÃO NO GÊNERO CARTA DO LEITOR

Jocília de Oliveira Rodrigues<sup>1</sup>  
Marcos Antônio da Silva<sup>2</sup>

### RESUMO

Conforme os estudiosos da Semântica Argumentativa, a argumentação é algo inerente à língua. Assim, considerando que nós só nos comunicamos por meio dos gêneros textuais e cientes de que nossos discursos são produzidos com base em nossas intenções, constitui nosso objetivo, neste artigo, apresentar uma análise dos elementos modalizadores no gênero textual carta do leitor, pois entendemos que na própria estrutura linguística dos nossos discursos há estruturas que revelam a subjetividade do produtor do texto frente aos seus interlocutores. As análises revelaram que os indivíduos utilizam de forma consciente ou inconsciente, considerando até mesmo a natureza do gênero, em maior quantidade a modalização do tipo deôntica.

**Palavras-chave:** Argumentação, Modalização, Carta do leitor.

### 1. INTRODUÇÃO

Considerando que nossos discursos são produzidos com base em nossas intenções e que na própria estrutura linguística dos nossos discursos há estruturas que revelam a subjetividade do produtor do texto frente aos seus interlocutores, constitui nosso objetivo, neste artigo, apresentar uma análise dos elementos modalizadores no gênero textual *carta do leitor*.

Inicialmente, trataremos da questão da Teoria na Argumentação na Língua, proposta por Ducrot e colaboradores (1988, 1994), pois, uma vez que essa teoria propõe que a língua é argumentativa por natureza e quando a utilizamos temos determinados objetivos e intenções, faz-se necessário discutir um pouco sobre essa questão, visto que a modalização pode ser entendida como um recurso argumentativo utilizado pelos falantes/produtores de textos.

Posteriormente, buscaremos apresentar alguns pontos da Teoria da Modalização, baseados em estudiosos como Castilho e Castilho (1993), Cervoni (1989), Koch (2002) e Nascimento (2009). É importante ressaltar, de início, que a Teoria da Modalização é apresentada como uma teoria que explica a forma como o falante deixa registrado aquilo que ele apresenta no seu enunciado, ou seja, o conteúdo proposicional e a forma como ele deseja que esse conteúdo seja apreendido, entendido e lido. Essa “vontade”, isto é, esta forma de

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela UFPB. Professora Efetiva do IFAL – Campus Murici, [jociliarodrigues@hotmail.com](mailto:jociliarodrigues@hotmail.com);

<sup>2</sup> Doutor em Linguística pela UFPB. Professor Efetivo do IFAL – Campus Murici, [marco\\_sil2@hotmail.com](mailto:marco_sil2@hotmail.com).



subjetividade, é identificada por meio de marcas linguísticas deixadas pelo locutor no momento de proferimento do seu discurso. Assim, o locutor imprime a maneira como o seu discurso deve ser lido. Dessa forma, a modalização pode ser percebida como um recurso argumentativo linguisticamente materializado.

Após as análises do nosso objeto de estudo, apresentaremos algumas breves considerações a respeito da própria análise, do funcionamento real dos elementos observados, bem como a implicação de um ensino baseado em uma concepção tradicional/estruturalista de língua. Nossas análises têm caráter qualitativo, mas também estaremos atentos à quantidade de ocorrência das modalizações.

## **2. A TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO NA LÍNGUA: BREVES CONSIDERAÇÕES**

A Teoria da Argumentação proposta por Ducrot (1988) e Ducrot e colaboradores (1994) percebe a argumentação como algo inerente à língua. Essa concepção está vinculada ao fato destes linguístas verificarem que na própria significação de determinados enunciados há orientações de natureza argumentativa. De acordo com esses estudiosos, essa teoria tem “[...] como principal objetivo se opor à noção tradicional de sentido” (1988, p.49). Para tal oposição, foram traçadas algumas considerações a respeito da noção de sentido.

Assim, para Ducrot (1988), se a realidade é descrita através da linguagem, essa forma de descrevê-la se dá por meio dos aspectos subjetivos e intersubjetivos. A junção desses aspectos é considerada por esse autor como o valor argumentativo dos enunciados.

Percebendo, pois, que em todas as esferas sociais precisamos expor nossas opiniões, argumentar, discutir sobre fatos do cotidiano, acrescentamos ao nosso estudo a contribuição de Espíndola (2004, p.13) ao afirmar que, não só a língua é argumentativa, como propunha Ducrot (1988), mas “[...] o uso também é argumentativo”.

De acordo com Koch (2004, p. 17), “[...] a interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”. Essa interação – ação verbal – é marcada por uma intenção, pois quem fala tem um objetivo para com o outro, seja para prender sua atenção, convencer o outro a fazer algo, opor-se ao outro ou impor seu ponto de vista, sobre o outro. Assim, pode-se dizer que argumentar é orientar o discurso tendo em vista uma conclusão pré-determinada.

Ainda para Ducrot (1997), há na estrutura da língua elementos que constituem a ossatura interna dos enunciados. Por conseguinte, se pensarmos que esses elementos podem ser apontados como os adjetivos, os advérbios e os operadores argumentativos, podemos dizer



que o uso desses elementos revela a subjetividade existente nos enunciados ou mesmo as intenções pensadas pelos locutores ao apresentarem seus enunciados, seus pontos de vista. Logo, é possível dizer que o fenômeno da modalização é também argumentativo.

### 3. A TEORIA DA MODALIZAÇÃO

A Teoria da Modalização, sob o olhar de Castilho e Castilho (2002, p. 201), destaca que muito se tem indagado sobre “[...] a importância do modo na estruturação e na interpretação semântica das sentenças”.

Com base nas considerações de Castilho e Castilho (2002), Nascimento (2009) e Koch (2006), teceremos, a seguir, algumas considerações a respeito da Teoria da Modalização.

Nascimento (2009, p. 37), com base na releitura de outros autores, traz o seguinte conceito sobre a teoria da modalização:

[...] a teoria da modalização se apresenta como uma teoria que explica como um locutor deixa registrado, no seu discurso, marcas de sua subjetividade através de determinados elementos lingüísticos e, portanto, imprime um modo como esse discurso deve ser lido.

Depreendemos, a partir do conceito citado, que, em nossos eventos comunicativos, toda vez que queremos expressar nossa subjetividade, utilizamo-nos de alguns recursos com o objetivo de fazer o interlocutor entender o sentido do texto proferido. A modalização é, portanto, “[...] uma estratégia argumentativa que se materializa linguisticamente” (NASCIMENTO, 2009, p. 38). Modalizar é, por assim dizer, argumentar, é deixar claro como quero que a informação seja processada.

Segundo Castilho e Castilho (2002), a modalização põe em movimento diversos recursos lingüísticos:

- (1) a prosódia, como nos alongamentos vocálicos e na mudança de tessitura, em “trabalhei mui::to, mas muito MESmo”;
- (2) os modos verbais;
- (3) os verbos auxiliares; como *dever*, *poder*, *querer* e os verbos que constituem orações parentéticas e matrizes como *achar*, *crer* *acreditar* [...];
- (4) adjetivos, só ou em expressões como “é possível”, “é claro”, “é desejável”;
- (5) advérbios como *possivelmente*, *exatamente*, *obviamente* etc;
- (6) sintagmas preposicionados em função adverbial, como “na verdade”, “em realidade”, “por certo” etc. (2002, p. 202).



Neves (2000, p. 188), quando trata da modalização possibilitada por meio dos adjetivos, apresenta o seguinte exemplo: “Pareceu-me o meio mais simples de evitar uma possível crise na família”. De acordo com essa autora, o adjetivo “possível” indica a forma como o ouvinte deve entender o que está sendo apresentado pelo locutor, ou seja, esse elemento recai sobre a expressão “crise na família” e trata-se de modalizador com valor epistêmico, algo que pode acontecer.

Os elementos linguísticos que materializam a modalização, ou seja, os modalizadores, são divididos, conforme Castilho e Castilho (2002) em três grupos:

- Modalização Epistêmica;
- Modalização Deontica;
- Modalização Afetiva.

Nascimento (2009) retoma essa classificação e a sistematiza da seguinte forma:

<b>Modalização</b>	<b>Imprime no enunciado</b>
Epistêmica	Considerações sobre o valor de verdade do seu conteúdo proposicional.
Deontica	O conteúdo proposicional do enunciado deve ou precisa ocorrer.
Avaliativa	Uma avaliação ou juízo de valor a respeito do seu conteúdo proposicional, executando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deontica.

Tipos de Modalização (NASCIMENTO, 2009, p. 47)

De maneira mais explícita, porém concisa, teceremos algumas considerações a respeito dos já mencionados tipos de modalização.

*Modalização epistêmica* – acontece quando se expressa uma avaliação a respeito do valor e condições de verdade das proposições. Esse tipo de modalização pode ser dividido em três subclasses: a dos modalizadores asseverativos, dos quase-asseverativos e dos delimitadores.

- Os *asseverativos* são selecionados para apontar que o falante considera a proposição certa, verdadeira.

Essa proposição apresentada pelo falante não deixa vestígios de dúvidas, seja ela uma afirmação ou uma negação. Dessa forma, ao se expressar, o falante imprime forte adesão ao conteúdo proposicional. Da lista apresentada por Castilho e Castilho (2002, p. 206-207), citamos alguns afirmativos: *efetivamente, obviamente, absolutamente, verdadeiramente, indubitavelmente, claro, certo, lógico, pronto, sem dúvida etc.*



- Os *quase-asseverativos* são selecionados quando o falante considera o conteúdo quase certo ou como uma possibilidade que espera ser confirmada ou não.

Ao selecioná-los, o falante não se responsabiliza pelo valor de verdade ou de falsidade do conteúdo proposicional. Decorre, então, expressar uma baixa adesão à proposição. Castilho e Castilho (op. cit., p. 207), listam os seguintes modalizadores quase-asseverativos: *talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente*.

- Os *delimitadores*, por sua vez, são selecionados para estabelecer limites dentro dos quais é possível considerar o conteúdo proposicional.

Na lista dos delimitadores destacados por Castilho e Castilho (ibidem) identificam-se os seguintes delimitadores: *quase, um tipo de, uma espécie de, em geral, em princípio, fundamentalmente, basicamente, praticamente, do ponto de vista de + adj., geograficamente, biologicamente, historicamente, profissionalmente, pessoalmente*.

*Modalização deôntica* – ocorre quando o falante se expressa considerando a obrigatoriedade do conteúdo proposicional, ou seja, o conteúdo deve, precisa ocorrer. Dessa forma, o objetivo do falante é atuar fortemente sobre o interlocutor. Entre outros modalizadores deônticos que podem ser encontrados, quando ocorre a modalização deôntica, destacamos os seguintes: *obrigatoriamente, necessariamente* etc.

*Modalização avaliativa* – como citado anteriormente, ocorre quando o falante usa modalizadores para expressar uma “[...] avaliação ou juízo de valor a respeito do seu conteúdo proposicional, executando-se qualquer avaliação de natureza epistêmica ou deôntica” (NASCIMENTO, 2009, p. 47).

Ressaltamos que nos três tipos de modalização constata-se um julgamento do falante em função do(s) interlocutor(es). Os julgamentos podem ser sistematizados da seguinte forma:

- o deôntico - avalia a obrigatoriedade;
- o epistêmico - avalia a verdade;
- o avaliativo - todos os julgamentos que não são deônticos, tampouco epistêmicos.

Pelas reflexões feitas nesse embasamento teórico, como bem afirma Koch (2006, p. 65), “[...] fica patente que a argumentatividade permeia todo o uso da linguagem humana, fazendo-se presente em qualquer tipo de texto e não apenas naqueles tradicionalmente classificados como argumentativos”.



#### 4. SOBRE O GÊNERO TEXTUAL *CARTA DO LEITOR*

O texto carta do leitor, enquanto gênero do discurso, noção trazida para os estudos linguísticos por Bakhtin (2000, p. 279) é entendido como “[...] tipos relativamente estáveis de enunciados” e constituídos de três elementos: conteúdo, estilo e estrutura composicional.

Segundo ainda esse autor, esses tipos de discurso são produzidos pelas diversas esferas da sociedade. Dessa forma, encontramos nessas produções o caráter sociointeracional da linguagem, uma vez que pensamos a língua enquanto atividade social e interacional.

Consoante apontamentos de Marcuschi (2009), é necessário fazer uma distinção entre tipos textuais e gêneros textuais. No entanto, ainda hoje, algumas pessoas tratam um termo pelo outro, ou seja, quando se fala em gêneros textuais ainda se reportam à narração, argumentação, dissertação etc.

Ainda para esse autor, a expressão tipo textual, também chamada de sequências linguísticas ou tipológicas, comporta cerca de meia dúzia de categorias, a saber: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção e etc. Sobre os gêneros textuais, Marcuschi (2009, p.155) assevera que:

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas. Em contraposição aos tipos, os gêneros são entidades empíricas em situações comunicativas e se expressam em designações diversas, constituindo em princípio listagens abertas. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante. Como tal, os gêneros são formas textuais escritas ou orais bastante estáveis, histórica e socialmente situadas. (Grifos do autor).

Situando, então, nosso objeto de análise, podemos dizer que a carta do leitor é um gênero que tem origem no domínio discursivo – ambiente que propicia o surgimento de novos gêneros – jornalístico. Esse gênero, assim como os demais existentes, tem como objetivo/propósito comunicativo o de apresentar uma sugestão, uma reclamação, uma opinião sobre um determinado assunto apresentado pela revista (ou jornal) sobre uma determinada matéria apresentada, geralmente em edições anteriores. Funciona, pois, como um objeto que aproxima, de certa forma, os responsáveis pela produção da notícia, da reportagem, dos textos



em geral, daqueles que estão, de alguma forma, longe, geograficamente falando, e que, possivelmente, nem se conhecem.

## 5. ANÁLISES

Os textos ou recortes aqui apresentados foram coletados em 2019, em diversas edições da revista VEJA, um total de 10 edições, todas as edições do ano de 2011. Para estabelecermos um critério de análise, achamos interessante fazer o recorte das cartas pelo assunto comentado nas mesmas. Assim, analisamos apenas aquelas que tratam da questão da “corrupção”.

Por motivo de espaço, e evitando causar repetições, traremos para este artigo apenas algumas cartas (e, às vezes, recortes) e suas análises. Mais especificamente, traremos apenas 2 tipos de cada modalização encontrada e, ao final, um quadro que resume todas as ocorrências encontradas.

### 1) Modalização do tipo Deôntica

Com o intento de retomarmos algumas noções básicas sobre a modalização, lembramos que na modalização do tipo deôntica o locutor apresenta o conteúdo proposicional como sendo algo que obrigatoriamente deve acontecer. A seguir, examinaremos algumas ocorrências identificadas no nosso *corpus*, que é composto por 63 cartas do leitor:

Texto 01:

Parabéns pela reportagem “O ministro recebia o dinheiro na garagem” (19 de outubro). Tenho o orgulho de ser leitor de VEJA. [...]. **Acorde e reaja**, cidadania brasileira!  
*VEJA, 26/10/11, p. 38*

Observando o texto 01, quando da presença dos verbos “acorde” e “reaja”, percebemos que a ocorrência desses verbos nesse texto denota a função de modalizadores deônticos. Assim, no referido enunciado, o conteúdo aparece como algo que deve ser realizado, uma ordem a ser praticada pela cidadania brasileira. Esta deve, urgentemente, acordar e reagir frente aos casos de corrupção apresentados pela reportagem “O ministro recebia o dinheiro na garagem” publicada pela VEJA.

Texto 02:

**Aplaudamos** a atitude célere da presidente Dilma e **façamos** uma corrente de confiança e apoio [...]. **Temos de** reagir, trabalhadores, estudantes, donas de casa, blogueiros, membros de redes sociais, e nos doar pela moralização política.

*VEJA, 20/07/11, p. 38*



O trecho 02 apresenta três ocorrências verbais que, assim como no texto anterior, funcionam como modalizadores deônticos: *aplaudamos*, *façamos*, e a expressão *temos de*, atribuindo a esse enunciado a necessidade de se fazer, indubitavelmente, o que esses verbos “exigem”, a fim de resgatar a moralidade do Brasil, prejudicada pelos frequentes casos de corrupção.

## 2) Modalização do tipo Epistêmica

Sobre a modalização do tipo epistêmica, como abordado anteriormente, esse tipo de modalização pode ser dividido em três subclasses: modalização asseverativa, quase-asseverativa e delimitadora. Nesta pesquisa, constatamos que o tipo asseverativo não foi utilizado nas cartas analisadas.

### a-Quase-asseverativa

Texto 03:

Que bela noção de cidadania foi dada pelos milhares de participantes das marchas de protesto contra a vergonhosa corrupção arraigada na classe política do país. [...] **Creio que**, finalmente, chegou a hora da tão sonhada mudança, uma vez que o primeiro passo já foi dado. **Parece que** o Brasil decente está acordando. [...].  
VEJA, 21/09/11, p. 36

Ao selecionar as expressões “creio que” e “parece que”, o locutor do discurso acima se exime da responsabilidade do valor de verdade do conteúdo proposicional. Essa estratégia de argumentação, a modalização quase-asseverativa, deixa evidente que o locutor não quer, não deve ou não poder, confirmar severamente o que expressa. No discurso em análise, o locutor expressa a possibilidade de se pôr um fim na corrupção da classe política brasileira. Mas é somente uma possibilidade.

Texto 04:

Ao ler com grande satisfação a reportagem de VEJA, **acredito** que ainda há esperança! [...] O Brasil ainda **poderá** ter solução. Chega de corrupção! [...].  
VEJA, 21/09/11, p. 36

Semelhante ao que observamos no texto 03, no texto 04 o falante também procura não se responsabilizar pelo conteúdo de sua proposição, deixando, portanto, o interlocutor livre para fazer a sua própria análise – é possível acreditar no fim da corrupção no Brasil?





Essa maneira de expressar baixa adesão ao conteúdo proposicional é enfocada pelo uso do verbo *acreditar* no presente do indicativo e do verbo auxiliar *poder* no futuro do presente do indicativo.

Texto 05:

A atuação de veja na investigação da corrupção representa um inestimável serviço ao país. [...] Ela registra o início da revolta da sociedade brasileira com a corrupção endêmica em nosso país e **pode** servir como o estopim para uma reação mais forte.

VEJA, 21/09/11, p. 36

No trecho 05, o uso do modalizador quase-asseverativo, o auxiliar *pode*, deixa claro que o locutor responsável pelo discurso quer que o interlocutor direcione a sua leitura para a possibilidade de um acontecimento: uma reação mais forte por parte da sociedade brasileira no que diz respeito à corrupção no Brasil. Nesse caso, o locutor não se compromete em afirmar que a reação será um fato, ele somente incita a tal probabilidade.

#### **b- Delimitadora**

Texto 06:

Fui um dos vizinhos de Wagner Rossi aqui em Jardim Recreio, bairro de Ribeirão Preto em que ele morou no começo da carreira política. [...] Lembro-me de quando chegou para morar nesse bairro. **Naquele tempo**, havia mais árvores do que casas por aqui e seus filhos tinham o hábito de matar todos os tipos de pássaros com espingarda de chumbo.

VEJA, 24/08/11, p. 34

Neste texto, observamos que o locutor responsável pelo discurso, ao selecionar a expressão “naquele tempo”, situa limite de tempo dentro do qual o conteúdo proposicional pode ser considerado. Nesse caso, o locutor delimita o tempo em que foi vizinho de Wagner Rossi, e somente nesse período “quando chegou para morar nesse bairro” é que as considerações podem ser ponderadas.

Texto 07:

A reportagem “Pobres homens ricos” (27 de julho) aponta para [...]. **Nos dias atuais**, tal fato já se constitui uma verdadeira epidemia, atingindo de perto **praticamente** todas as instituições do governo federal e outros setores da nossa sociedade.

VEJA, 03/08/11, p. 36

Conforme o que acontece no texto 07, o locutor delimita as considerações que podem ser analisadas em seu discurso. Dessa vez, o uso do delimitador “nos dias atuais” (atualmente)



evidencia que o que se diz se refere ao tempo atual, não podendo o locutor associar o que foi dito com tempos passados.

### 3) Modalização do tipo Avaliativa

A modalização do tipo avaliativa apresenta uma avaliação sobre o conteúdo proposicional apresentado pelo locutor do texto. Vejamos alguns exemplos de cartas analisadas:

Texto 08:

Ao ler com grande satisfação a reportagem de VEJA, acredito que ainda há esperança! O povo **bravamente** acordou da letargia que o consome e foi à luta. Se cada [...].

VEJA, 21/09/11, p. 36

No exemplo do texto 08, o locutor usou a estrutura “bravamente” para, de acordo com seu objetivo diante do seu interlocutor, avaliar a forma como o povo despertou do estado letárgico em que se encontrava e encontrou forças para lutar por um estado de moralidade no Brasil, isso em relação, como já dissemos anteriormente, aos casos de corrupção.

Texto 09:

Desculpem-me os eleitores que votam com dignidade e respeitam o país, mas **infelizmente** existem brasileiros que vendem seus preciosos votos por miséria e elegem “bandidos” que ficam impunes.

VEJA, 15/07/11- p. 39.

Sobre o trecho 09, podemos afirmar que o advérbio “infelizmente”, que a gramática tradicional classifica como “advérbio de modo”, aqui, nesse recorte, foi utilizado com a intenção de mostrar ao interlocutor do texto que há uma marca de subjetividade, isto é, o locutor avalia a forma como ele se sente diante do fato de muitos brasileiros ainda venderem seus votos, tendo como causa desses atos a miséria em que vivem e como consequência, o próprio descaso dos políticos, frente à pobreza, e ainda visto que a venda dos votos já é um caso de corrupção.

Analisando o quadro abaixo, é possível perceber que houve uma grande ocorrência da modalização do tipo deontica em relação aos demais tipos. Talvez, esse fato possa ser explicado pela questão do “tema” sobre o qual as cartas dirigidas à revista tratam, a corrupção. Daí, pensamos que as opiniões e os posicionamentos dos locutores ao enviarem



suas cartas à VEJA tenham um forte “poder de ordem” em seus posicionamentos, ou seja, apresentam, de certa forma, uma revolta diante dos acontecimentos últimos e, ainda, atitudes que *devem* ser tomadas para que tal situação se resolva.

TIPO DE MODALIZAÇÃO	QUANTIDADE DE OCORRÊNCIAS
<b>DEÔNICA</b>	<b>24</b>
<b>EPISTÊMICA</b>	
Asseverativa	<b>0</b>
Quase-asseverativa	<b>6</b>
Delimitadora	<b>4</b>
<b>AVALIATIVA</b>	<b>4</b>

Quadro geral das ocorrências da modalização na carta do leitor

No tocante à modalização do tipo Epistêmica Asseverativa, conforme se faz presente no quadro, não identificamos qualquer ocorrência dessa forma. Em relação ao tipo quase-asseverativa, foram identificadas seis ocorrências, enquanto a delimitadora e a avaliativa, ambos os tipos, ocorreram quatro vezes.

Podemos entender, com base nos resultados obtidos, que a ocorrência demasiada das deônticas nos remete ao fato de que muitos brasileiros se sentem indignados com tanta corrupção no país.

Em relação ao não uso da modalização asseverativa, é possível que os próprios produtores textuais não desejem se responsabilizar com algo que irá acontecer, até mesmo pelo fato de eles não terem “força” para mudar, mas apenas para exigir que algo seja feito.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante assinalar, com base nas nossas análises, que muito além do que é proposto pelas gramáticas tradicionais, elementos como adjetivos, advérbios, e mesmo os verbos, são utilizados cotidianamente pelos indivíduos como uma forma de orientar os seus interlocutores – e, nesse caso, há sempre uma intenção para tal atitude – para a forma como se deseja que os textos sejam lidos.

Isso significa dizer, ainda, que um elemento como o adjetivo, por exemplo, exerce não apenas a função de caracterizar um substantivo, como é comumente apresentado nas gramáticas e nos livros didáticos, mas funcionam como modalizador avaliativo, como vimos nos exemplos das análises. De alguma forma, a teoria da modalização nos faz refletir sobre o trabalho na sala de aula e o ensino de língua portuguesa.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSCOMBRE, J-C; DUCROT, Oswald. **La argumentación en la lengua**. Madrid: Editorial Gredos S.A., 1994.
- CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M. de. Advérbios Modalizadores. In: ILARI, Rodolfo (org.). **Gramática do Português Falado**. Vol. II: Níveis de Análise Linguística: 2ª Edição. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- CERVONI, Jean. **A enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.
- DUCROT, Oswald. **O dizer e o dito**. Campinas, São Paulo: Pontes, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Polifonia y argumentación**: conferencias del seminário teoria de la argumentación y análisis del discurso. Cali: Universidad del Valle, 1988.
- KOCH, I.G. V. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo: Cortez: 2002.
- NASCIMENTO, Erivaldo P. **Jogando com as vozes do outro**: argumentação na notícia jornalística. João Pessoa: Editora Universitária/EDUEPB, 2009.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- SANTOS, Maria Francisca de Oliveira. A modalidade no discurso de sala de aula, em contexto universitário. In: **Revista do GELNE**, Vol. 2, N.2, 2000.